

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Fonoaudiologia e Fisioterapia

**INCLUSÃO SOCIAL DOS SURDOS NA ESCOLA:
UMA VISÃO DO PROFESSOR**

Andréa Zupo Maynard de Oliveira
São Paulo-SP
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Fonoaudiologia

**INCLUSÃO SOCIAL DOS SURDOS NA ESCOLA:
UMA VISÃO DO PROFESSOR**

Andréa Zupo Maynard de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso do
Curso de Fonoaudiologia da PUC-SP
sob orientação da Prof^a. Dra. Maria
Cecília de Moura

**São Paulo
2008**

Agradecimentos

À Prof^a. Dr^a. Maria Cecília de Moura, minha estimada orientadora, que conduziu para o melhor caminho realizado desse trabalho, sempre “acolhendo” nos momentos de angústia e contribuindo para meu crescimento acadêmico e até mesmo pessoal.

Aos meus familiares, que tiveram paciência e compreensão durante este período de desespero, nervosismo e ansiedade, permanecendo sempre de maneira calma e paciente durante todo o tempo que estavam ao meu lado.

A todos os meus amigos que compreenderam as minhas ausências em certos momentos, sendo sempre companheiros, contribuindo com palavras de incentivo e de força.

À querida Patrícia, que me orientou de forma valiosa em alguns pontos do meu trabalho visando um melhor entendimento dos temas abordados.

A todas as amigas da faculdade que compartilharam junto a mim momentos de tristezas, aflições, alegrias e risadas. Sempre me lembrarei de vocês!

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho. Obrigada!

Resumo

O sistema de inclusão é adotado como prática escolar nas instituições de ensino regular. Sabe-se que os alunos Surdos incluídos podem enfrentar dificuldades nesse processo. Por essa razão, esse trabalho teve como objetivo verificar se a inclusão social é ou não uma prática eficiente e efetiva nas escolas regulares.

Essa pesquisa verificou, por meio da visão dos professores, o quanto estes estão capacitados para atuar em sala de aula regular com aluno Surdo incluído. Foram sujeitos da pesquisa 10 professores de duas escolas públicas de ensino regular do estado de São Paulo que tinham pelo menos um aluno Surdo incluído em sala de aula do ensino médio.

Verifiquei, nesta pesquisa, que apesar dos professores relatarem que a inclusão está sendo realizada de forma satisfatória parece haver ainda uma não preparação suficiente da escola para oferecer esse tipo de serviço aos adolescentes Surdos.

O que se percebe é que essa não preparação está relacionada á infraestrutura que o governo deveria fornecer, mas não faz. Os professores se mostram interessados em realizar um bom trabalho, mas é o sistema educacional que deve se encarregar de formar e dar subsídios aos professores para que uma educação inclusiva de qualidade possa acontecer.

Palavras chaves: Surdo, educação, linguagem, inclusão.

Abstract

The inclusion system is adopted as a school practice in the institutions of regular education. It is known that the Deaf pupils included can face difficulties in this process. For this reason this work had as objective to verify if the social inclusion is or is not a efficient and effective practice in the regular schools.

This research verified, by the way the teachers see it, how much they are trained to work in regular classroom with included Deaf students. Ten teachers of two public schools of regular education of the state of São Paulo had been enrolled in this research. They had at least one student included in the High School.

I verified, in this research that, although the professors relate that the inclusion is being carried through in a satisfactory form, it seems that the school is not enough prepared to offer this kind of work to Deaf adolescents.

What one can observe is that this no readiness is related to the infrastructure that the government should supply, but does not do. The professors show interest in carrying through a good work, but it is the educational system that must be put in charge to form and to give subsidies to the professors so that an inclusive education of quality can happen.

Key words: Deaf, education, language, inclusion.

Sumário

1. Introdução	2
2. Objetivo	8
3. Metodologia	9
4. Análise dos dados	11
5. Conclusão	19
Referência Bibliografica:	24
ANEXO I.....	26

1. INTRODUÇÃO

As representações do Surdo sempre foram fundamentadas com base na religião, na ideologia, nos interesses econômicos e nas diferenças sociais. Estas representações afetam os processos de inclusão/ exclusão dos Surdos como membros da sociedade.

Na antiguidade, o Surdo era confundido como um ser com inferioridade de inteligência e visto como um indivíduo incapaz. Pelo fato do Surdo não ter uma linguagem, não era considerado ser humano, muitas vezes sendo confundido com retardados.

A partir da metade do século XIX, o oralismo passou a ganhar força, excluindo qualquer forma gestual empregada na educação do Surdo, como a língua de sinais.

A língua de sinais, só conseguiu obter o status de língua a partir de 1960, quando os estudos de William Stockoe demonstraram que a língua gestual dos surdos nos Estados Unidos era uma língua verdadeira, dotada de características lingüísticas. Na década de 1970 do século passado, ocorreu o aparecimento da Comunicação Total e mais tarde do Bilingüismo.

A Comunicação Total foi criada como uma filosofia que forneceria uma comunicação fácil, livre, de dois caminhos entre a criança Surda e seu ambiente mais próximo (Northern e Downs, 1975). Esta filosofia defende que todos os recursos lingüísticos sejam usados, privilegiando a comunicação e não a língua.

Por sua vez, o Bilingüismo acredita que a língua materna do Surdo deveria ser a língua de sinais, tendo o lugar da segunda língua. Nessa proposta existem dois tipos de vertentes: a que defende a língua do país na modalidade oral e ou escrita e uma outra que defende a segunda língua que deveria ser a escrita.

Para Tartuci (2001), o bilingüismo viabiliza a presença de duas línguas no contexto escolar do aluno surdo. O domínio da língua de sinais facilitará o aprendizado da língua dos ouvintes.

Tanto na Comunicação Total como no Bilingüismo, a surdez não é vista mais como uma doença, mas sim como uma diferença.

Com relação à educação do surdo no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (Lei nº 9394/96) prescreve que as crianças “portadoras de necessidades educativas especiais” devem ter sua escolaridade atendida, fundamentalmente, pela escola regular, promovendo a integração/ inclusão. Esta lei estabelece também que os sistemas de ensino deverão assegurar, professores especializados ou capacitados para atuar com qualquer ‘pessoa especial’ em sala de aula.

É importante destacar que a educação dos sujeitos com necessidades especiais é pautada na Declaração de Salamanca (1994). Essa Declaração envolve governos, grupos de direito, diversos grupos de comunidades minoritárias e pais, e em particular de organizações de pessoas com deficiências e busca melhoria do acesso à educação para a maioria daqueles que, em razão de suas necessidades especiais ainda se encontram desprovidas de uma educação de qualidade.

Em seu artigo 19, enfatiza a necessidade de um movimento da Educação como um todo, não se tratando apenas de optar pelo processo de inclusão na escola regular ou por manter a escola especial. Segundo esse artigo, é preciso compor alternativas a partir de um problema institucional configurado.

A Declaração de Salamanca contou com a participação de 88 países e 25 organizações internacionais que fizeram parte de uma assembléia geral na busca de uma integração e de educação inclusiva.

Para Góes (1996), os sujeitos surdos pela defasagem lingüística enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social no qual estão inseridos. Isso pode trazer, para estas crianças conseqüências emocionais, sociais, mesmo que realizem aprendizado tardio de uma língua.

Verifica-se, portanto que, devido às dificuldades ocasionadas pelas questões de linguagem, encontram-se, as crianças surdas, defasadas no que diz respeito à escolarização, sem um desenvolvimento adequado. Por isso é importante que se criem propostas educacionais que atendam às necessidades dos sujeitos surdos, para que se possa favorecer o desenvolvimento efetivo de suas capacidades.

No Brasil, a prática da inclusão consolidou-se apenas nos anos noventa, e essa prática vem seguindo o modelo social da deficiência. Segundo esse modelo a tarefa é a de modificar a sociedade (escolas, empresas, programas, serviços,

ambientes físico etc.) para torná-la capaz de acolher todas as pessoas que, uma vez incluídas nessa sociedade em modificação, poderão ter atendidas as suas necessidades, comuns e especiais.

Ainda na década de 1990, houve um incentivo para as práticas de inclusão de pessoas surdas em escola regular e desprestígio considerável dos programas de educação especial (LACERDA, C. B., 2007). Desde então, muitas têm sido as formas de se realizar tal inclusão, no entanto, parte significativa dos alunos surdos tem sido submetida a uma escolarização pouco responsável sem que os pressupostos desse projeto educacional sejam respeitados.

Quando se fala na inclusão do Surdo na escola regular, depara-se com uma situação muito complexa. Para que a inclusão aconteça de uma forma real é importante conhecer melhor sobre o Surdo, como é o seu mundo e principalmente sua língua materna, a Língua de Sinais.

De acordo com Silva (2001), “a inclusão do Surdo não deve ser norteadora pela igualdade em relação ao ouvinte e sim em sua diferença sócio-histórico-culturais, às quais o ensino se ancore em fundamentos lingüísticos, pedagógicos, políticos, históricos, implícitos nas novas definições e representações sobre a surdez.” (pg. 105)

Na inclusão dos Surdos, deve-se favorecer o aprendizado do indivíduo surdo utilizando a língua de sinais e é importante para o professor encarar a língua de sinais não como um instrumento de trabalho , mas sim como parte da cultura da comunidade surda, sua língua oficial.

Segundo Dorziat (2004), considera-se que, para que haja a inclusão social das pessoas surdas, com o objetivo de participação social efetiva, as escolas precisam organizar-se, considerando três critérios:

- 1-Critério: a interação da língua de sinais.
- 2- Critério: a valorização de conteúdos escolares.
- 3- Critério: a relação conteúdo-cultura surda.

Para Dorziat, “quando se trata de inclusão, a valorização da língua de sinais para os surdos é uma das questões essenciais, como possibilidade de condições de desenvolvimento entre as pessoas.” A língua de sinais não deve, portanto, ser vista

como mero instrumento, mas deve ser considerada como um dos aspectos mais importantes das relações interpessoais e intrapessoais. Sabemos que é na escola que a língua de sinais pode vir a ter esse importante papel, mas, a escola deve ir além da constituição dos sujeitos pela língua, como nos diz Apple (1994):

“no processo de construção dos surdos, o papel da escola é relevante, como uma das principais unidades representativas da estrutura social maior. Analisar as questões educacionais implica necessariamente considerar a história dos conflitos de classe, raça, gênero e religião, em contradição com as suas exigências sociais.”

Sabe-se da importância da escola na estruturação do sujeito. É a escola, cumprindo o seu papel de socialização secundária (BERGER,P; LUCKMANN,T. 1973) que possibilitará a subjetivação do sujeito e a sua inserção social real, entre pares. Segundo Lopes (1998):

“as trocas culturais e de poderes desiguais, entre surdos que compartilham de uma situação lingüística semelhante, auxiliam no processo de ocupação territorial escolar e na organização de movimentos surdos, na convivência e na formação de comunidades surdas”.

Assim a pertinência a um grupo é reforçada pela escola, pois no encontro de iguais a possibilidade de se ver como membro de uma sociedade com membros que compartilham os mesmos valores e principalmente a mesma língua possibilita a tarefa de se ver como ser inteiro (MOURA, 2000).

Na escola de surdos há a possibilidade de novos constructos relacionados no ser surdo no mundo em oposição àquilo que lhes é passado no dia a dia: ser “igual” ao ouvinte, mesmo não o sendo. Dorziat (1999) nos esclarece sobre esse assunto:

“Na vida dos surdos o ser sempre foi relacionado ao ouvir, ao falar e, em consequência, a tudo que estas habilidades representavam: ser inteligente, ser educado, ser maduro. Vários desses estereótipos têm contribuído para reforçar os valores ouvintes e sufocar formas de expressão da cultura surda. O normal (ser ouvinte) passa a ser o paradigma. Quando esse paradigma surge de forma explícita, aparece junto o lado negativo de ser surdo, que, nessa sociedade, significa um enfrentamento constante com o desconhecido. Mesmo no ambiente mais próximo (familiar) dos surdos, onde é esperado

que haja mais compreensão, mais proximidade, a comunicação (quando existe) não passa de simples banalidades do cotidiano” (Dorziat 1999).

Segundo o Decreto nº-5.626, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, pode-se verificar que no artigo 2º, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Essas leis foram regulamentadas pelo Decreto nº 5.626 e, nesse decreto, com relação à inclusão da Libras como disciplina curricular, no artigo 3º, é estabelecido que, a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Precisa-se saber se este artigo está sendo seguida em todas as instituições, por que de que adiantaria tantas Leis se nenhuma delas são postas em prática?

Nota-se até aqui como o Surdo é visto desde a antiguidade e como a língua de sinais (Libras) foi ocupando o seu espaço, favorecendo a língua materna do Surdo. Será, entretanto, que a língua de sinais é verdadeiramente respeitada? E como é que este Surdo é visto pelas outras pessoas usando essa língua?

Devemos levar em consideração que a oficialização da língua de sinais é muito recente. Paradigmas já cristalizados pela sociedade demoram a serem desmanchados e substituídos por outros, mesmo que a lei assim o exija. Obviamente aquilo que serve a um determinado momento histórico tem raízes políticas que podem ser difíceis de serem remodeladas pois exigem que novas formas de ser sejam colocadas em prática e isso leva um tempo para acontecer, mesmo que se diga que as mudanças estão em vigor.

Portanto, precisa-se deixar claro que a inclusão do Surdo na escola regular é um assunto bastante polêmico que precisa ser estudado com clareza para que possamos entender as dificuldades daquela instituição.

Sabemos que mesmo a comunidade Surda é muito heterogênea. Não existem Surdos iguais, da mesma forma que não existem ouvintes iguais. Cada indivíduo carrega sua história e sua condição sócio-cultural própria. As realidades vividas por cada um são diferentes e as necessidades colocadas por cada família também são diferentes. O que deve existir é uma política pública que possa contemplar as necessidades tanto dos professores como dos alunos e de suas famílias. A articulação dessas políticas (educacional, social e de saúde) que pudesse de alguma maneira se rever a cada conjunto de ações, ouvindo os sujeitos envolvidos (ou seja: família, Surdos e profissionais) seria a forma ideal de se conseguir uma proposta inclusiva real. Isso se faz mais verdadeira na medida em que tratamos dos desafios lingüísticos e culturais impostos para a oferta do suporte efetivo que devem ser garantido a partir dos princípios da Declaração de Salamanca (op. Cit, 1994).

2. OBJETIVO

Este trabalho visou compreender, por meio da visão dos professores, o quanto estes estão capacitados para atuarem em salas de aula com alunos Surdos incluídos.

3. METODOLOGIA

Para a realização do presente projeto, foram seguidos todos os trâmites requeridos pelo Comitê de Ética em pesquisa da PUC-SP. O projeto deste estudo foi inicialmente analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e aprovado de acordo com o processo nº 177/2008 (Anexo I).

Para conseguir ter maior acesso aos professores e realizar essa pesquisa de campo nas duas escolas de redes estaduais de São Paulo, precisei da ajuda nas duas instituições de uma professora, titulada em LIBRAS (professora “auxiliar”), que ficam em uma sala e ajudam os Surdos quando é necessário. Essas professoras me conduziram e apresentaram a alguns professores com os quais eu poderia fazer as entrevistas.

Na seqüência, os professores concederam fazer as entrevistas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II), aceitando gravar as entrevistas, sendo que apenas um dos professores não aceitou esse procedimento e, portanto, respondeu o questionário de forma escrita. Todos os professores são identificados por letras, não sendo possível a identificação dos mesmos dessa forma.

Entrevistei dez professores de duas escolas públicas na zona sul (Vila Mariana) do estado de São Paulo que trabalham com Surdos incluídos na sala de aula do ensino médio, no período de setembro à outubro, o esperado para estas entrevistas seria medir a percepção do professor sobre o seu próprio desempenho e sobre o processo de aprendizagem quando inseridos na escola inclusiva.

O seguinte questionário foi aplicado:

- O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?
- Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?
- Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?
- Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

A entrevista foi gravada em um aparelho Clear Voice. Posteriormente o discurso foi transcrito (Anexo III) em ortografia regular e analisado por meio de categorização de acordo com a proposta de BARDIN (2004). Esta análise permite interpretar o discurso a partir de sua organização em temas ou categorias que emergem do discurso. Tal análise vai desde o estudo estatístico de frequência das palavras empregadas até a interpretação dos dados levantados. A preocupação é sempre relacionada, com as questões da fragmentação, da interpretação e do pensamento real do sujeito que articulou as respostas para se chegar à classificação das categorias fundamentais que compõem o discurso a ser analisado.

Segundo BARDIN (2004 em Neves 2007), as categorias são uma espécie de gavetas ou rubricas significativas que reúnem elementos com caracteres comuns sob um título genérico e permitem a sua classificação. Tem como primeiro objetivo fornecer uma representação codificada dos dados brutos, e é válido se puder ser aplicado ao conjunto da informação e for produtivo no plano das inferências.

O critério de categorização, ainda de acordo com BARDIN (2004 em Neves 2007), pode ser semântico (categorias temáticas), sintático, léxico e expressivo. Entre as diferentes possibilidades, a análise temática ou categorial é rápida e eficaz quando aplicada a discursos diretos e simples, funcionando por “operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (NEVES, 2007).

A análise categorial prioriza o texto como um todo o qual, nesse caso, corresponde à transcrição das entrevistas. A partir de leituras sucessivas da transcrição, classificam-se seus conteúdos em temas por diferenciação e por reagrupamento. Cada tema corresponde a uma categoria.

A categorização pode ser feita por dois processos: “à posteriori” e “à priori”. O primeiro tipo, como explica Bardin (2004 em Neves 2007), acontece quando as categorias são definidas pelo entrevistador. Esse é o caso quando a entrevista é feita por meio de questionários com perguntas fixas. No segundo tipo, ainda conforme Bradem (2004 em Neves 2007), o sistema de categorias não é definido previamente, ele é feito por meio de uma classificação analógica e progressiva dos conteúdos. Este é o caso quando a entrevista é feita de forma dirigida ou semi-dirigida como nesta pesquisa.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados, as respostas obtidas foram transcritas e iniciei a análise. Primeiramente, procurei avaliar os termos recorrentes comuns em todos os discursos.

Os termos que constituem as categorias analíticas que foram recorrentes em todos (ou quase todos os discursos) serão apresentados a seguir, para que possamos tentar compreender o significado dos mesmos no que se refere à presença do Surdo na sala de aula com crianças ouvintes.

Dificuldade, difícil

Quando é questionado **como** o aluno Surdo está o aprendendo com o aluno ouvinte, oito docentes relatam que os alunos surdos estão aprendendo, mas não relatam como isso acontece. É consenso que eles estão sim aprendendo, mas em todas essas respostas eles sempre acrescentam que há dificuldades, podendo muitas vezes ser superado pela ajuda de uma professora “auxiliar”. Os outros dois docentes acreditam que o aluno Surdo aprende pouco.

O professor C responde o questionamento acima da seguinte forma:

“ Ele aprende, só que ele enfrenta muitos obstáculos. Ele aprende claro, ele é normal, ele só é Surdo. Ele aprende com certeza, só que ele precisa ser estimulado, precisa de uma atenção especial, mas ele aprende com certeza.”

Para todos os professores participantes, ainda há dificuldades encontradas pelo o aluno Surdo dentro da sala, mas acham que essas dificuldades que são relacionadas a língua são superadas, pois eles criam métodos para que essas dificuldades sejam minimizadas.

Para superar essas dificuldades eles lançam mão de pedir ajuda ao aluno ouvinte, à professora “auxiliar”, de usar leitura labial ou até mesmo vão em busca de compreender sobre a língua de sinais.

Nos depoimentos de todos, eles mostram como a presença na escola da professora “auxiliar” é importante tanto para o aluno Surdo quanto para o docente,

mas lembram que elas não ficam em todas as salas, apenas comparecem quando são chamadas.

Em uma das respostas fica claro como esta professora “auxiliar” que tem ajudado os Surdos é importante para eles, pois o professor I diz:

“ Os Surdos superam as dificuldades, junto com os colegas ou perguntando para o próprio professor, ou com a professora da sala de “recurso” (professora “auxiliar”). Ela tem ajudado muito nas dificuldades deles.”

Para a professora C, em relação a isso ela diz:

“ ... nem sempre a professora de recurso pode estar presente na aula, porque ela não é mais um professor. Ela é uma colaboradora, ela não fica em sala, não tem uma pra cada sala, nós não temos um intérprete...”

Pelos discursos dos professores, pude notar que as dificuldades, por eles relatadas, podem estar localizadas na falta de uma língua comum entre eles e os alunos, pois, muitas vezes, questionam o fato de não saberem a língua materna dos Surdos, precisando de alguém que os auxilie, um colega ou o professor da sala de recursos.

Sabemos que a língua é o elemento chave numa relação dentro da sala de aula. Como pode um professor ensinar e um aluno aprender se não houver uma comunicação completa entre eles? Apenas a língua compartilhada possibilita a aprendizagem real. Língua, aqui falada não como código, mas como veículo de transmissão de conhecimentos e como elemento básico na constituição de sujeito (Goes, 1996).

LIBRAS

Em relação a LIBRAS, apenas alguns professores tem algum conhecimento ou fez o curso básico de LIBRAS, reforçando sempre que por isso é necessário ter a ajuda da professora “auxiliar”, como o professor E:

“ ...eu tenho curso só que é o básico, pedido de atenção por exemplo, mas pra passar matéria é muito difícil, principalmente em filosofia em que tem muitos textos pra passa é uma complexidade tremenda, por isso vai precisar da ajuda das auxiliares. Mas minha interação com eles é boa”.

Alguns professores mostraram não ter algum conhecimento de LIBRAS, como é o caso do docente G:

“ ...ele até consegue acompanhar, porquê embora eu não conheça LIBRAS, eu acabo me identificando com o aluno...”

Por viver em uma cultura ouvinte, o Surdo pode ter acesso à oralização, mas, é importante que o professor conheça a filosofia também da Comunicação Total, do Bilingüismo e, em especial, a Língua de Sinais, considerada a língua oficial utilizada pela comunidade Surda (Sá, 1998).

No geral, os professores parecem saber que essa língua é difícil de ser aprendida, mas muito deles estão tentando aprender , como no discurso da professora J:

“...os professores estão interessados em aprender a LIBRAS....é difícil no começo pra gente, mas alguma coisa a gente já está pegando”.

O apoio do bilíngüismo para os surdos, então, demanda não só o treino adequado das crianças surdas: também inclui o treino e a educação de outras pessoas, tais como professores, psicólogos, intérpretes, etc. É claro, os pais também devem ter a oportunidade de aprender a língua de sinais para que a família, suas tradições e a vida social sejam tão importantes na vida dos surdos como são na vida dos que ouvem (SVARTHOLM, K.,2008).

Na década de 1960, Stokoe desmonstrou que a língua de sinais é uma língua completa, com estruturas gramaticais próprias e independente da língua oral.

[...] as Línguas de Sinais possuem os mesmos princípios gerais de organização encontrados nas línguas orais (Behares,1993), as mesmas propriedades e princípios universais das línguas faladas, diferindo destas apenas na utilização viso-espacial para o desenvolvimento de todos os níveis lingüísticos como: fonologia, morfologia e sintaxe (POIZNER E COLS, 1987 aput MOURA et al., 2005, p.396).

Frente a essas questões, apesar de compreendermos a LIBRAS como um dos principais instrumentos para que haja uma inclusão efetiva desses alunos Surdos, sabemos que a fluência nessa língua materna não é o suficiente. É preciso que haja uma integração de toda a escola junto com esses alunos, viabilizando um espaço em que todos estejam capacitados e preparados para receber estes Surdos.

Leitura Orofacial

O professor C complementa sua terceira resposta, identificando a Leitura Orofacial como fator importante para os alunos Surdos e que deve-se ter o cuidado em notar essa questão em sala de aula.

Veja o recorte abaixo que ilustram este dado:

“ ...às vezes eu falo muito rápido, às vezes não falo olhando para eles, às vezes alguns têm leitura labial...”

Para o professor J sobre essas questões diz:

“... a dificuldade é se o professor fala depressa ou estiver de costas para o aluno quando estiver falando, isso é uma atenção que o professor tem que tomar...”

Vemos nesses exemplos e em outros discursos, como estes professores se preocupam e percebem a necessidade que o Surdo tem de fazer a Leitura Orofacial, o que, para eles facilitaria algumas vezes o entendimento da matéria.

Ao mesmo tempo, eles relatam como é difícil se policiar para que o aluno Surdo possa se beneficiar dessa forma de compreensão de linguagem. Isso reflete interesse, preocupação e conhecimento do professor com relação às estratégias comunicativas do aluno Surdo, mas mostra também como pode ser frágil essa forma de passar o conhecimento, desde que nem sempre o professor fala de frente para os alunos.

A leitura orofacial (LOF) faz parte da linguagem oral para o Surdo e sabe-se que para o Surdo é importante a aquisição de Língua de Sinais como primeira língua, desde que será essa primeira língua que possibilitará o desenvolvimento da linguagem oral e conseqüentemente da leitura orofacial (comunicação pessoal, Moura, 2008).

É claro que o desenvolvimento da língua oral para os Surdos depende de um trabalho fonoaudiológico com o qual nem todos os Surdos podem contar, dada a pequena oferta de atendimentos nessa área pelo Estado (Moura et all, 2008). Além disso sabe-se que a LOF pode ser ambígua e não oferecer ao Surdo a possibilidade de compreensão completa dos enunciados feitos pelo professor (Svarthom, 2008), mas sempre seria algo com que o Surdo poderia aumentar sua possibilidade de participação efetiva na sala de aula.

Inclusão

Sobre a questão da inclusão em sala de aula, os professores deixam claro que há inclusão, falam que pelo contrário dão muita ênfase em que o aluno Surdo se dá muito bem com o aluno ouvinte.

O professor I deixa isso explícito em seu discurso:

“Eu acho que a inclusão está sendo 100%, eles se dão bem inclusive com os outros alunos”.

Outro professor H comenta a última resposta deixando claro sobre seu ponto de vista em relação a isso:

“...acho que não tem exclusão nenhuma!”

Para que haja uma efetiva inclusão para o real aprendizado do Surdo deve-se:

... examinar os discursos circulantes sobre surdez; os projetos sócio-educacionais em que se inserem as propostas de escolarização; a

qualidade das interações sociais; a abordagem da diferença nas situações escolares cotidianas; as possibilidades ou limites de funcionamento dialógico do Surdo no encontro com diferentes interlocutores; e as formas de atuação pedagógica. (LACERDA; GÓES, 2000,P.7).

Não podemos saber, baseados apenas no discurso dos professores se a inclusão real por eles relatada está acontecendo realmente com esses Surdos, para termos uma informação verdadeira necessitaríamos de dados que englobassem observações desses alunos em sala de aula, o que não foi possível nesse trabalho. Mas, o que podemos verificar é que os professores desejam acreditar que a inclusão está acontecendo.

Podemos observar também que,de modo geral, os professores apresentam um bom relacionamento entre os alunos e relatam um bom rendimento geral dos alunos Surdos. É relevante também a ênfase que os professores deram ao grupo de alunos ouvintes na participação por incluir os alunos Surdos.

O “ elogio da inclusão” apresenta a vantagem de arrolar argumentos para a defesa das políticas inclusivas. Mas para que seja realmente eficaz é preciso que o discurso se feche sobre si próprio, aparecendo como uma totalidade que não admite questionamentos (LAPLANE, 2004, p. 17-18).

Os depoimentos parecem revelar e esconder problemas presentes na prática que devem ocorrer, mas, de maneira geral, os entrevistados referem-se à experiência como satisfatória.

Por estes motivos, é “estranho” notar nas entrevistas relacionadas a esta questão da inclusão, como tudo está “ muito bom” em sala, aqui fica uma questão a ser pensada. Não seria “estranho” que os professores não questionam mais sobre como essa inclusão está realmente sendo feita?

Será que todas essas dificuldades que eles relatam e são superados na própria escola realmente acontecem com todos os alunos? Isso parece ser

espantoso, pois os professores não relatam de fato quais poderiam ser suas angústias em relação a receber esses alunos na instituição de ensino.

A Declaração de Salamanca (op. Cit, 1994) coloca em seus princípios que:

“Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.”

A questão que se coloca é: será que as escolas cujos professores foram entrevistados estão fornecendo as condições necessárias para que os alunos Surdos possam verdadeiramente usufruir daquilo a que a escola se propõe? Isso é: ensino que propicie o aprendizado real e não um aprendizado que é apenas de “faz de conta”?

Ainda com relação à Declaração de Salamanca encontramos que:

“A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os Surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos.”

Isso, na verdade, não está sendo propiciado pelas escolas desse estudo. É fácil compreender porque a Declaração de Salamanca coloca essa necessidade. É apenas pela língua de Sinais (chamada pela Declaração de “língua nacional de signos”) que a criança Surda poderá ter acesso pleno à informação e ao conhecimento.

A Inclusão perversa é aquela que em nome da legalidade e da manutenção do status realiza ações que aparentemente estão incluindo, mas que, na verdade, mantém a exclusão de uma forma perversa, pois como se pode reclamar se a

inclusão está sendo realizada? O termo é usado por Sawaia (Bader,1999) num sentido social mais amplo, incluindo os grupos sociais excluídos, mas cabe bem à questão da surdez.

Sawaia nos propõe pensar este conceito como uma dialética inclusão / exclusão:

“Analisar a ambigüidade constitutiva da exclusão é captar o enigma da coesão social sob a lógica da exclusão na versão social, subjetiva, física e mental (...) a qualidade de conter em si a sua negação e não existir sem ela, isto é, ser idêntico à inclusão (inserção social perversa). A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico.” (Sawaia, 1999, p.7)

Para Sawaia, a exclusão remeteria necessariamente a um modo específico de inclusão. Na maioria das vezes, o sujeito é excluído de forma a levar uma vida de menor valor, de desvalorização e inferiorização sociais, de privação e degradação moral.

Na verdade, o que Sawaia prioriza é a análise das contradições da exclusão entendida por ela antes como inclusão perversa.

Por fim, precisamos refletir sobre todas essas questões e interrogações, deixando explícito como pode se dar a verdadeira inclusão do aluno Surdo na escola para que essa não seja mais uma das inclusões perversas que a nossa sociedade prima em deixar acontecer com aqueles que não estão de acordo com as normas sociais ditas “aceitas”.

8. CONCLUSÃO

Analisando os depoimentos de todos os docentes, fica evidente que a inclusão social parece ser efetiva nessas duas instituições, aparentemente ‘bem sucedidas’, mesmo que esses professores não pareceram estar completamente capacitados em relação a Língua de Sinais.

Nenhum professor questionou como foi receber esses alunos Surdos para que houvesse essa inclusão (também não foram convidados para que isso ocorresse) e em seus discursos fica evidente que ainda há preocupações e falta de conhecimento sobre o assunto da língua materna dos Surdos. É interessante observar que frente a uma situação diferente como essa: de se receber sujeitos Surdos dentro da sala de aula, nenhum estranhamento fosse levantado. O fato de não poder se comunicar com seus alunos Surdos deveria trazer um grau de angústia aos professores assim como a vivência de uma situação desconhecida.

Entretanto, eles apenas relatam a falta de conhecimento da língua de sinais. O que será que isso significa? Poderíamos pensar em uma negação do problema para aquilo que é pedido pela administração e pelo poder político para que seja cumprido. É a garantia da continuidade das coisas como elas são, sem que se corra risco de ser questionado. Talvez a máxima: não questiono, portanto, não me questione seja uma explicação para a aparente tranquilidade da situação relatada pelos professores. Não por falha ou erro deles, mas porque o sistema espera que eles ajam dessa forma. Desta maneira, não se pode exigir dos docentes mais explicações sobre o porquê de tudo isso, deixando claro que o sistema tem o dever de “acolher” não os culpando pela falha que pode haver no ensino com estes alunos. Esse acolhimento deveria englobar a compreensão das dificuldades que os professores enfrentam e uma real discussão sobre as dificuldades tanto dos alunos como dos professores.

Dentro da escola, há sempre a presença de intérprete, mas não em todas as salas de aula, apenas de duas ou quatro professoras “auxiliares” para toda a escola. No geral, os professores não são fluentes em LIBRAS. Eles parecem criar

métodos de ensino para que esses alunos possam entender a matéria dada. Essas professoras auxiliares não foram entrevistadas, mas nos relatos dos docentes percebi como a presença destes professores “auxiliares” é muito significativa e o quanto se esforçam para ajudar no que for preciso.

Os professores preocupam-se em estar cada vez mais aptos para atuarem com esses alunos Surdos incluídos, sabendo que a mudança e aperfeiçoamento da prática pedagógica para eles se faz necessária.

É importante ressaltar aqui, que cabe aos nossos governantes promoverem mais capacitações para esses profissionais da educação, já que muitos não conseguem fazer algum curso antes de iniciar o trabalho com os alunos Surdos.

No dia 22 de dezembro do ano de 2005, foi decretado o nº 5.626, que regulamenta a Lei nº10.436 (24 de abril de 2002) que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e o art. 18 da Lei nº 10.098, de dezembro de 2000. Este decreto dispõe de artigos que são de extrema importância para uma real inclusão do Surdo, vemos no artigo 3º:

“A LIBRAS deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.” (Lei de nº 5.626 capítulo II Da inclusão da Libras como Disciplina Curricular)

Embora a maioria dos professores tem o curso básico de LIBRAS e terem alguma noção sobre o assunto, deveria ser o dever do governo fornecer bases estruturais para desenvolver um projeto pedagógico condizente a esse modelo implantado.

Seria interessante que as organizações responsáveis por implantar essa Lei de inclusão possam oferecer cursos de atualização e cursos intensivos de LIBRAS,

podendo ocorrer cada vez mais modificações efetivas na atuação didática desses professores.

Os tradutores intérpretes são uma alternativa interessante na sala de aula, mas sem dúvida, os professores devem estar preparados para receber esses profissionais, pois sabemos que a simples presença do intérprete na sala de aula não resolve o problema do Surdo.

Nota-se abaixo que Lacerda exemplifica como o intérprete pode ser um “facilitador” para o aprendizado do aluno Surdo:

“Quando se insere um intérprete de língua de sinais na sala de aula abre-se a possibilidade do aluno surdo receber a informação escolar em língua de sinais, através de uma pessoa com competência nesta língua. Ao mesmo tempo, o professor ouvinte pode ministrar suas aulas sem preocupar-se em como passar a informação em sinais, atuando em sua língua de domínio. Na medida em que a condição lingüística especial do surdo é respeitada, aumentam as chances de ele desenvolver-se e construir novos conhecimentos de maneira satisfatória, em contraponto a uma ‘inclusão escolar’ sem qualquer cuidado especial”. (LACERDA,2000)

Entretanto, a autora mostra que a presença deste intérprete não garante que o espaço educacional esteja completamente adequado ao aluno Surdo na sala de aula:

“Por outro lado, a presença de um intérprete de língua de sinais não assegura que questões metodológicas, levando em conta os processos próprios de acesso ao conhecimento, sejam consideradas ou que o currículo escolar sofra ajustes para contemplar peculiaridades e aspectos culturais da comunidade surda (Shaw e Jamieson, 1997; Antia e Stinson, 1999; Lacerda 2000). Por fim, não há garantia de que o espaço sócio- educacional em um sentido amplo seja adequado, já que criança surda poderá permanecer, de certa forma, às margens da vida escolar”. (Lacerda, 2000 e Antia, Stinson and Gaustad, 2002)

Já do ponto de vista do aluno Surdo, podemos ver em DORZIAT, em uma pesquisa em que avalia a percepção do Surdo sobre a sua inclusão na escola de ouvintes, que essa inclusão depende mais do que somente da língua:

“O presente estudo aponta, portanto, para a necessidade de uma maior reflexão curricular no âmbito educacional, com o intuito de transformar a escola em um espaço verdadeiramente democrático, onde se estabeleçam múltiplas relações entre o eu e o outro; onde os diferentes interlocutores reconheçam não só a condição bilíngüe do surdo, suas diferenças e potencialidades, mas, também, outras questões que discutem a surdez como diferença política; enfim, onde seja possível desenvolver um currículo para todos, envolvendo, em particular, o processo cultural inerente aos surdos, como enfatizam os Estudos Culturais em Educação.”

Percebe-se, portanto, que apenas com a possibilidade de uma leitura real do mundo em que variáveis possam vir a ser consideradas como a possibilidade de se compreender o Surdo na sua particularidade lingüística-política é que se poderá imaginar um universo de ensino em que o Surdo poderá realmente exercer seu direito maior: o de estar no mundo em pé de igualdade com aqueles que ouvem.

O título de um artigo expõe muito bem o que podemos muitas vezes observar o que se refere aos aspectos educacionais do Surdo: “Quando o “Estar Junto” Transforma-se em uma Estratégia Perversa de Exclusão” (Eli Henn Fabris. E. H.; Lopes, M.C.). Ele nos diz muito: estar junto não realiza o que o governo propõe, muito pelo contrário pode apenas se configurar como uma estratégia que, em nome da inclusão, exclui de uma forma cruel: sem possibilidade de argumentação, pois faz-se o que o governo pede.

Contudo, para que a inclusão possa acontecer verdadeiramente são necessárias inúmeras modificações e implementações: campanha de conscientização para todos da comunidade, acompanhamento dos pais e mudanças dentro do sistema educacional no ensino médio.

Se valorizarmos os Surdos e os tratarmos como verdadeiros cidadãos, entendendo sempre que a Língua de Sinais não é somente mais uma forma de

comunicação, mas sim sua língua materna e verdadeira, a inclusão social poderá se fazer eficaz para toda a sociedade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA:

BARDIN, L. (1979) Análise de Conteúdo Lisboa, Edições 70 In LINDER, M. B. “**Os conteúdos da consciência do trabalhador exposto ao ruído**” Dissertação de Mestrado apresentado à PUC SP, São Paulo, 1996.

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília, Ministério da Educação, 1996.

DECLARAÇÃO de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994. Disponível em: portal.mec.gov.Br/seesp/arquivos/pdf/salamanca. Acessado em 19 de abril de 2008 às 21:30.

DORZIAT, Ana; LIMA, N.M.F; ARAÚJO, J.R. **A inclusão de Surdos uma perspectiva dos Surdos culturais**. Disponível em: <http://74.125.45.104/search?q=cache:zikqe5i-IglJ:www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT15-1817--Int.pdf+inclus%C3%A3o+surdo+imposs%C3%ADvel&hl=ptBR&ct=clnk&cd=5&gl=br>. Acessado em 04 de dezembro de outubro de 2008 às 14:30.

LACERDA, C. B.F.de; POLETTI, J.E. **A escola inclusiva para o surdos: a situação singular do intérprete de língua de sinais**. Disponível em : http://74.125.113.104/search?q=cache:a4hRQbrn0HMJ:www.anped.org.br/reunioes/27/gt15/t151.pdf+Cristina+Lacerda-+interprete&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=7&gl=br&lr=lang_pt. Acessado em 13 de novembro de 2008 às 15:00.

DORZIAT, A. Educação de surdos no ensino regular: inclusão ou segregação? . **Rev. Do Centro de Educação**. nº 24, 2004. Disponível em:<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2004/02/a8.htm>. Acesso em: 22 de Ago às 10:00.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.

GUARINELLO, Ana Cristina et al . **A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná**. Rev. bras. educ.espec., Marília, v.12, n.3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382006000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 Ago 2008 às 11:00.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cad. CEDES, Campinas, v.26, n.69, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 Ago 2008 às 10:45.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **O que dizem/ sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo**. Rev. bras. educ. espec., Marília, v.13, n.2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382007000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Ago 2008 às 21:30.

LIGHTIG, I. (org.). **Programa de Intervenção Fonoaudiológica em Famílias de Crianças Surdas**. Barueri: Pró Fono, 2004. 178 p.

LORENZETTI, M. L. A inclusão do aluno surdo no ensino regular: a voz das professoras. Rev. Espaço, n.18-19,2002-2003. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/paginas/revista/espaco18/espaco18.htm>. Acesso em 06 Ago 2008 às 12:30.

MOURA, M.C.; **"O surdo: Caminhos para uma nova identidade"**. São Paulo: Revinter , 1996.

QUADROS, R. M., **Estudos de Surdos I**, Ed: Arara Azul, Petrópolis-RJ, 2006.

ROCHA, M. S. de; SILVA, P.R.M. **Inclusão Perversa na esfera da assistência pública de saúde**. Disponível em: http://74.125.113.104/search?q=cache:l8SmH1t9jWcJ:www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/TR_4167.pdf+inclus%C3%A3o+perversa++Sawaia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br&lr=lang_pt. Acessado em 04 de dezembro de 2008 às 13:40.

Sá, N. R. L. **O discurso surdo: a escuta dos sinais**, 1998.

SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão, análise psicossocial e ética da desigualdade social**, Ed.: Vozes, Petrópolis -RJ,1999.

SANTOS, M. B. **Inquietações Pedagógicas**. Disponível em: <http://inquietacaopedagogica.blogspot.com/2005/11/dia-nacional-da-lingua-gestual.html>. Acessado em 04 de dezembro de 2008 às 19:10.

SVARTHOLM, Kristina. **Educação Bilíngüe para os Surdos na Suécia: Teoria e Prática**. Universidade de Stockholm. Suécia.

SILVA, M.P.M. **A Construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus, 2001. 105 p.

ANEXO I



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 177/2008

Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Cecília de Moura

Autor(a): Andréa Zupo Maynard de Oliveira

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Inclusão social dos surdos na escola: uma visão do professor*

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de 28/07/2008, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 177/2008.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 28 de julho de 2008.


Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

ANEXO II

CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS QUE ENVOLVAM: ADULTOS E QUESTIONÁRIO

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Andréa Zupo Maynard de Oliveira, fonoaudióloga estagiária, portadora do CIC 357.234.288-02, RG 33.848.839, estabelecida na Rua: João Lopes, nº 235, CEP 04115-080, na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é (11) 82668798, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é Inclusão social dos Surdos na escola: uma visão do professor.

O objetivo deste estudo é de compreender como o professor percebe o aprendizado do Surdo em sala de aula na escola regular e necessito que o Sr.(a). forneça informações à respeito de alunos Surdos incluídos em sala de aula, cujas perguntas estão em anexo, devendo ocupá-lo(a) por 20 minutos para completar as respostas.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de quatro perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.

Sua participação não trará qualquer benefício direto mas proporcionará um melhor conhecimento à respeito da Língua de Sinais(LIBRAS) e inclusão do Surdo em sala de aula, que em futuros tratamentos fonoaudiológicos poderão beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício.

Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a Andréa Zupo Maynard de Oliveira no telefone (11) 82668798.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu tratamento na instituição

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros pacientes, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.

O Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado à respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo Inclusão social dos Surdos na escola: uma visão do professor.

Eu discuti com a fonoaudióloga estagiária Andréa Zupo Maynard de Oliveira sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Data ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ()

Data ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

ANEXO III - ENTREVISTAS

→ Professora: A (Inglês)

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: Dentro das possibilidades deles e quando há dificuldade nessa disciplina/matéria que é explicada para os ouvintes e eles estão juntos, nós convidamos as professoras de “recursos” pra que sejam interpretados, para que possam entender melhor a matéria, para eles poderem acompanhar o entendimento com o restante da sala.

Dá para controlar, pois nós temos uma ajudante quando nos encontramos com dificuldades.

Essa ajudante é uma professora já preparada para interpretar os sinais (Libras) para explicar direito as matérias para eles. Eles são ajudados dentro e fora da sala de aula para que eles possam entender.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Sim, de modo geral sim.

Eles têm amizades entre eles (ele e o ouvinte), eles se comunicam muitas vezes ou por interpretação labial ou pelos sinais. Eles têm um ciclo de amizade entre os surdos e os ouvintes.

Se o professor está explicando uma matéria e eles não acompanham eles pedem para o colega ouvinte e fazem interpretação labial junto com os sinais que eles mesmos explicam o assunto sem dificuldade. Se não eles irão procurar essas auxiliares de “recursos” de Libras e vão conversar com os professores para passarem para esses alunos Surdos.

Com o restante da sala os Surdos se envolvem muito bem. Pelo menos nas duas vezes na semana em que entro em sala de aula. Alguns professores já fizeram até um curso básico aqui para saber se comunicar através dos sinais.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: São poucas dificuldades.

Nós criamos método labial com eles. Eles mesmos têm as dificuldades que eles entre si esclarecem com o professor e passam para os outros colegas que apresentam as mesmas dificuldades.

Tem outros alunos Surdos que são quietos em sala, aí ficam calados no canto deles, mas têm outros que são aplicados.

Tenho 4 alunos no 2º B, 4 alunos no noturno e os 3 do 3º ano, que apresentaram e me presentearam com um DVD com a música de um conjunto do filme “Transformes” que eles vão colocar em forma de legenda, apresentando em sinais.

É um projeto que as professoras estão desenvolvendo com a sala junto aos ouvintes e surdos para apresentar à Diretoria de Ensino, para ser mostrado que foi feito algo diferente aos nossos alunos não ouvintes.

A maioria dos sinais eu aprendo junto com o aluno Surdo.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: Eles vão lá na insistência com o professor e se com o professor não ficar esclarecido eles procuram as auxiliares do “recurso” e essa do recurso vem até nós nos procurar para esclarecer o assunto para passar para eles através dos sinais.

Quando eles vão procurar a professora de “recursos”, elas me procuram, eu explico para elas e essas professoras passam para os Surdos a tarefa.

Todas as dúvidas que eles têm em vocabulário, porque você sabe que uma pessoa com esse tipo de necessidade não é igual a um ouvinte que via lá e cobra, a dificuldade é maior por causa disso, mas eles conseguem dentro dos limites deles.

Com os filmes em Inglês não tem problema, pois têm as legendas, eles conseguem. O que tenho medo de passar são as músicas em Inglês que eles não podem ouvir, por isso eu evito passar as músicas em sala, mas filmes nada proíbem de passar pela legenda.

→ Professora: B (História)

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras adolescentes ouvintes?

R: Aprende, só que com um pouco de dificuldade.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Quando ele escreve algumas coisas, articular, perguntar. Eu consigo perceber o acompanhamento dele.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: É...mais a comunicação entre a gente.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: É difícil nem sempre, ou conversando com a gente, ou escrevendo, dando um pouco mais de atenção ou gesticulando.

→ Professora: C (Geografia)

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: Ele aprende só que ele enfrenta muitos obstáculos. Ele aprende claro, ele é normal, ele só é Surdo. Ele aprende com certeza, só que ele precisa ser estimulado, precisa de uma atenção especial, mas ele aprende com certeza.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Ele acompanha dentro das possibilidades dele e pra acompanhá-lo é óbvio que precisa de um trabalho do professor didático, pedagógico que auxilie o professor. Aqui nessa escola nós temos uma professora que é específica pra sala, a “Maria” e nos temos de manhã a “Carla”. Que elas são específicas da sala de recursos, que elas nos auxiliam. Você trabalha com sinais, com escrita, mas eles acompanham com certeza.

A escrita deles é diferenciada, você tem que ter toda uma metodologia de avaliação diferenciada pelo fato da dificuldade, da surdez, mas eles acompanham a sala.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: O maior problema é a língua, às vezes eu falo muito rápido, às vezes não falo olhando para eles, às vezes alguns não têm leitura labial, porque nem todos que tem, nem todos os surdos têm sinais, nem todos os professores tem sinais. Então o obstáculo é a linguagem, achar uma forma de comunicação, que nem sempre a professora de recurso pode estar presente na aula, porque ela não é mais um

professor. Ela é uma colaboradora, ela não fica em sala. Não tem uma pra cada sala, nós não temos um interprete. O que acontece você cria mecanismos de trabalho, às vezes você trabalha com mímica, às vezes você trabalha com sinal, muitas vezes você pode pra escreve a palavra e na hora da correção você tem que trabalha com a escrita que é diferenciada, com o tempo verbal, essas coisas são diferenciadas.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: A gente tem uma metodologia de trabalho aqui que agora não está muito em evidencia, mas nos tínhamos o hábito de colocá-los trabalhando em grupo com os ouvintes, então sempre os ouvintes adotam os surdos. O nosso objetivo era sempre trabalha em grupos, onde cada grupo de ouvinte teria que ter um surdo. Então os Surdos eram adotados por estes grupos para facilitar o trabalho e além de facilitar o trabalho e também melhora a relação dos surdos com os ouvintes dentro da sala de aula.

Mas é muito complicado o que a gente faz, rola o preconceito, não é um trabalho fácil. O Surdo tem uma tendência em formar guetos, é difícil pra eles se abrirem, é difícil de eles se questionarem, eles querem muita atenção, porque eles vêm de uma instituição que dava muita atenção.

Muitas vezes conseguem superar as dificuldades, outras não. Varia de Surdo pra Surdo, porque do mesmo que jeito que se tem ouvintes interessados e ouvintes desinteressados você tem a mesma coisa com os Surdos.

→ Professora: D (Português)

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: Sim.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Sim, na língua portuguesa sim. Eu percebo isso através das avaliações processuais e contínuas, através de exercícios, da própria participação em sala de aula deles. Eles conseguem apresentar trabalhos na língua de sinais junto com a professora auxiliar, auxiliando-os, às vezes não eles tão bem independentes, nas quais eu dou aula 2º e 3º anos.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: Onde eles encontram mais dificuldades é na análise de textos.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: Transformando essa linguagem oral, escrita, na linguagem dele, na Libras. Eu como professora procura dar, mesmo nessas análises literária, geográficas, egípcios, históricas eu procuro fazer uma relação com figuras, com desenhos, com obra de arte, pintura, poesia comparada a uma pintura e isso facilita.

→ Professor: E (Filosofia)**1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?**

R: 80% eles aprendem dentro da classe, é óbvio que tem uma ajuda externa, as monitoras que falam a língua de sinais, Libras, que sempre está auxiliando (professoras auxiliares). Por exemplo, alguns professores têm o curso, eu já fiz o curso de Libras, eu consigo passa mais pra eles, só que sempre tem que ter ajuda das auxiliares. Só que 80% conseguem aprender independente

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Sim, eu vejo um resultado excelente, não sei se é devido o empenho deles que é maior, mas eles conseguem um bom desempenho melhor do que os alunos ditos como normais.

Percebo em resultado de testes, exercícios, de avaliação em geral, participação em geral, nota-se um bom desempenho.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: As dificuldades é a diferença, principalmente a idade na adolescência, o adolescente gosta de se auto-afirma, a essa discrepância entre eles e os alunos ditos como comuns, são um pouco rejeitados, não são bem acolhidos. Então há essas dificuldades, mas não a dificuldade de disciplina, mas a dificuldade de interagir, socializar.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: Por meio das monitoras, professoras auxiliares e interagindo entre eles mesmos sempre quando há algum trabalho em grupo eles fazem com o grupo deles, sempre estão juntos. Então eles procuram superar buscando ajuda crio eu e auxilio dos próprios colegas deficientes auditivos.

Comigo eles tem uma relação muito boa, eu tenho curso só que é o básico, pedido de atenção, mas pra passar matéria é muito difícil, principalmente em filosofia que tem muitos textos pra passa é uma complexidade tremenda, por isso vai precisar da ajuda dos auxiliares. Mas a minha interação com eles é boa.

No meu caso eu sempre paro 10 minutos antes da aula acaba, passo os recados que tinha que passar tentar explicar alguma coisa, ou material escrito.

→ Professora: F (Matemática)- Não pode ser gravada, ela escreveu as respostas.

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: Alguns aprendem, outros não.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Os alunos com menos dificuldades tentam se comunicar mais vezes e procuram ajuda para realizar as atividades. Quando eu posso ajudar, eles acompanham, caso contrário eles são encaminhados para a sala de recursos, onde recebem ajuda mais especializada. Alguns alunos apresentam dificuldades de aprendizagem.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: - Interpretar um texto ou enunciado da atividade,
 - Escrever frases completas,
 - Raciocínio lógico.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: Ele tenta se comunicar com os gestos ou utilizando a língua de sinais para pedir auxilio aos professores ou colegas. O aluno que não tem dificuldade de

aprendizagem possui uma grande vontade de aprender e expressar isto na maneira como realiza as atividades.

→ **Professor: G (Português)**

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: Muito pouco.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Acompanha, ele até consegue acompanhar porque embora eu não conheça a Libras, eu acabo me identificando com o aluno e ele entende bastante com a leitura labial. Mas eu tenho que fazer um trabalho diferenciado, como por exemplo, o aluno Surdo não tem o mesmo conhecimento que o ouvinte; o aluno ouvinte conhece a língua portuguesa no meu caso eu dou aula de língua portuguesa. Pra ele (surdo) a língua portuguesa é outra língua, como pra nós fosse a língua francesa.

O trabalho tem que ser diferenciado, eu como professor não faço a mesma avaliação do aluno ouvinte. Eu percebo através de textos, eu não devolvo os textos, eu analiso no semestre. Então eu peço um texto num primeiro momento e vou pedindo vários textos no semestre, aí eu vou acompanhando. Por exemplo: o aluno (surdo) não tem noção do que é preposição, quando agente fala: “eu vou para casa”, o aluno surdo fala: “eu vou casa”.

Então tem essas conexões das palavras, é isso que eu tento perceber no semestre. Eu dou uma redação pro ouvinte e dou para o surdo, eu corrijo as duas de formas completamente diferentes. Eu fico com a redação do ouvinte para depois comparar. O que ele aprende não é igual ao ouvinte.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: A língua portuguesa, para ele é outra língua. Então ele não tem conhecimento nenhum de preposição, qual é a estrutura da oração, ele não tem isso. Na verdade eu tenho que ensinar uma outra língua, como se pro ouvinte fosse ensinar a língua inglesa, que é uma outra língua. Para o aluno Surdo a língua portuguesa é uma outra língua para ele, ele conhece só a Libras, mas nada.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: Com a força de vontade, eles têm muita força de vontade. É um aprendizado para os alunos ouvintes, às vezes eu percebo que o aluno ouvinte se envolve no aprendizado em querer ajudar. Ele (ouvinte) quer aprender, porque percebe que o surdo quer também aprender. Pra eles é uma lição de vida.

Na verdade se eu tenho 4 alunos surdos e vou fazer um trabalho em grupo, eu não vou colocar os 4 no mesmo grupo, cada um vai entrando em um grupo de ouvinte, justamente pra participar, pra ter essa integração, já que é uma inclusão eu tenho que incluí-lo no grupo de ouvintes.

→ **Professora: H (Português)**

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: Sim, eu acho que eles aprendem bem. Melhor do que muitos que estão na sala. Isso agente elogia muito, eles fazem cartazes, gesticulam na frente deles, eu faço algumas aulas com a professora “Silva”. Então eles sabem os sinais, eles ficam felizes quando o professor fala alguma coisa com eles em sinais. Eu acho que eles têm muito interesse e conseguem.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Em grande parte sim. Eles fazem todos os trabalhos, tem alguns que não querem mesmo, faltam muito(moram longe), mas de modo geral freqüentam bem.

Através dos gestos, através dos trabalhos que eles entregam, através dos cadernos que agente vista na sala. Dá pra perceber!

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: Eu acho assim, no momento das explicações, o professor tem que passar na lousa e explicar para eles que está valendo nota, mostrar a importância para eles. Eles gostam de fazer, mas também gostam de obter notas! Eles querem retorno!

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: O incentivo que nós damos a eles mostrando a importância do estudo, chegando até eles, indo até a mesa (carteira), chamando atenção no momento das explicações. Eles mostram bastante interesse na aprendizagem.

Eu gosto deles! Eu acho que dá para levar bem, acho que não tem exclusão nenhuma! Eles gostam de mim, falam que eu sou do coração, mostrando com a mão!

→ **Professora: I (Biologia)**

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: Sim, inclusive os outros adolescentes ajudam eles a fazerem outras atividades.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Estão pelo menos os que tão frequentando estão.

Percebo pelas atividades que eles fazem, apresentam, quando está correto...porque o deles eu corrijo pessoalmente a correção separada.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: Em ler e interpretar os textos. Eles tem dificuldade com o português.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: Junto com os colegas ou perguntando pro próprio professor, ou com a professora da sala de recurso. Ela tem ajudado muito nas dificuldades deles.

Eu acho que a inclusão está sendo 100%, eles se dão bem inclusive com os outros alunos.

→ **Professora: J (Artes)**

1) O Surdo está aprendendo dentro da classe junto a outras crianças ouvintes?

R: É impressionante ver como os alunos que são surdos, eles se adaptam com os outros alunos. Nós professores procuramos fazer o curso de Libras pra melhor entendimento dele.

Sim, o surdo ta aprendendo.

2) Ele está acompanhando a classe? Como você percebe isso?

R: Eu acho que ele ta acompanhando como um aluno normal, porque os professores escrevem na lousa tudo que eles falam, isso aqueles que não conseguem falar Libras...matemática, física é tudo escrito na lousa e alguma duvida o professor dá uma atenção especial na carteira do aluno.

Quando eles não entendem eles fazem os sinais que não entendeu.

3) Quais as dificuldades encontradas pelo aluno?

R: A dificuldade é se o professor falar de pressa ou estiver de costa para o aluno quando estiver falando, isso é uma atenção que o professor tem que tomar e tomar muito cuidado para que o aluno tenha o direito de participar das aulas.

Alguns lêem muito bem pela boca, expressão labial e os gestos, você gesticula, o que eles não entendem e fazem o não com os dedos eu já escrevo na lousa tudo o que eu quero passar para eles.

4) Como o aluno Surdo supera as dificuldades?

R: Convivendo com os alunos normais e os alunos que são ouvintes eles se interessam em aprender os sinais dos surdos. Quando eu vou passar um filme eu tenho o cuidado de vê que esse filme tenha legenda, caso aconteça de um filme não ter legenda eu escrevo o filme todinho para que o surdo possa ler, é um cuidado que eu tenho com eles e eles percebem isso! Eles têm uma gratidão muito grande com agente e um carinho, são muito amorosos, eu gosto muito deles!

Na aula de artes não vejo dificuldades. Pelo contrário, nós fizemos teatro, nós temos uma aluna que é surda e ela fez questão de participar da peça de teatro fazendo a mímica para os alunos que são surdos, lendo e fazendo a mímica muito interessante! Não há exclusão desses alunos de forma alguma, os professores estão interessados em aprender a Libra, pra inclusive agente sabe lê o que eles tão falando entre eles, é difícil no começo pra gente, mas alguma coisa agente já está pegando.

Eu acho que é tão difícil pra eles, quanto da gente pra eles, então agente ta fazendo uma troca, muitas coisas eu pergunto pra eles, agente aprende.

Nós temos a professora “Silva”, que no mês de aula ela se esforço bastante e nós também de quere aprender!